

JURO SOBE PARA SEGURAR DÓLAR

Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — O Banco Central elevou a taxa de juros, hoje, de 32,5% ao ano para 35,5%, por orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos governos do G-7 (o grupo dos sete países mais ricos do mundo), que contribuíram para o pacote de socorro financeiro de US\$ 41,5 bilhões ao Brasil.

A instabilidade da taxa de câmbio nos últimos dias, na avaliação de representantes desses organismos, é uma demonstração de que a liquidez (quantidade de reais em circulação) está elevada e, portanto, o mercado ainda tem fôlego para apostar numa desvalorização acima dos 20%, que era a máxima prevista por analistas brasileiros e estrangeiros.

Seguindo a receita do Fundo, o BC, por meio de duas intervenções consecutivas, indicou que passará a elevar os juros em 1,5 ponto percentual por dia. Em um primeiro leilão, logo na abertura, puxou os juros de 32,5%, taxa que já vigorava há uma semana, para 34%. Em seguida, fez novo leilão, pegando dinheiro emprestado dos bancos por um dia a uma taxa de 35,5%, que vale para os negócios de amanhã no *overnight*.

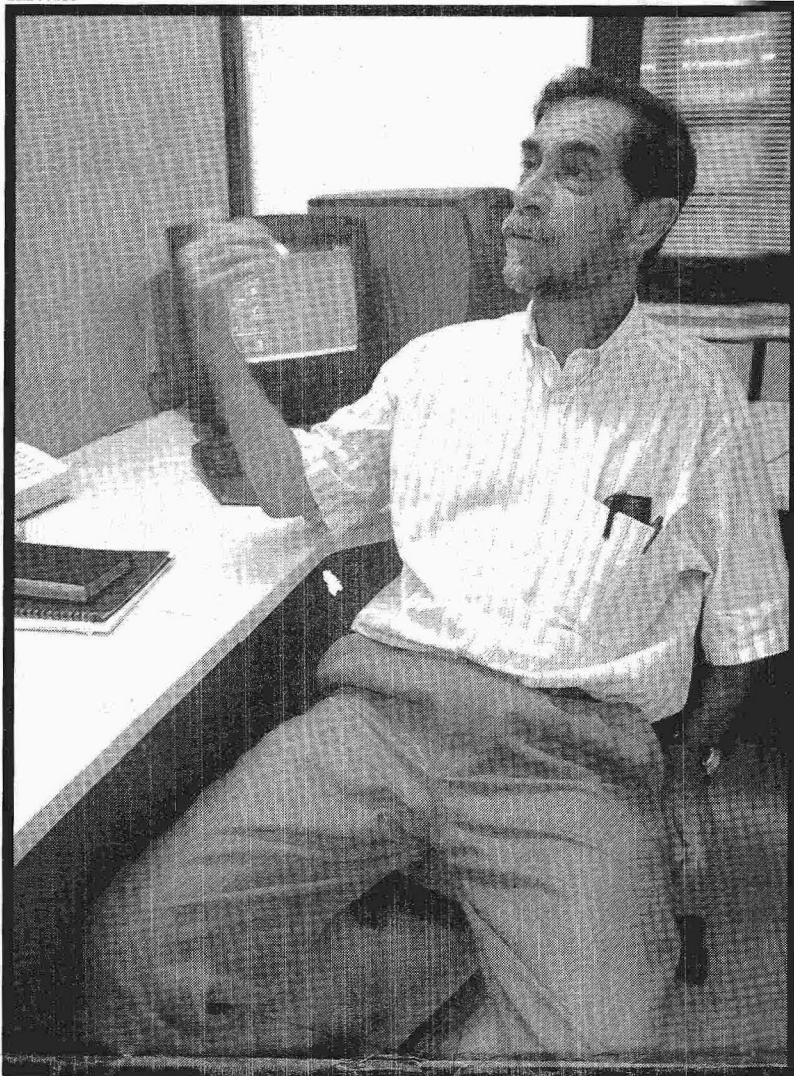
O dólar comercial fechou a R\$ 1,91 para a venda, uma elevação de 4,37% sobre o R\$ 1,83 de terça-feira. Pela média dos negócios do dia, a elevação ficou em 0,61% e a cotação, em R\$ 1,8886. Até às 20h, deixaram o país US\$ 221 milhões pelo fluxo cambial. Mas isso, segundo o BC, não significa perda de reservas internacionais.

Além de combater a especulação no mercado de câmbio, a alta dos juros confirmou a intenção do governo de lutar contra altas de preços. As taxas elevadas reduzem o ritmo de atividade da economia e evitam que o consumo cause remarcações exageradas de preços. "A recessão é a única saída para evitar o crescimento perigoso do custo de vida", comentou Alkimar Moura, ex-diretor de política monetária do Banco Central.

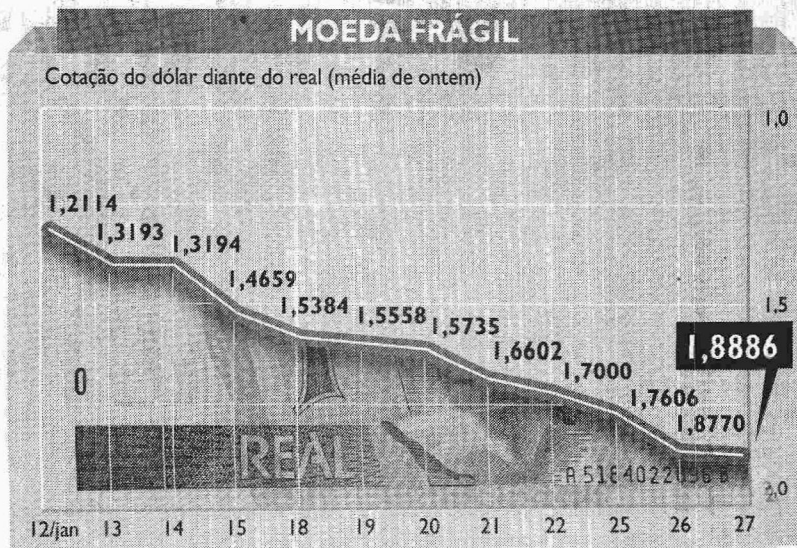
NERVOSISMO

De acordo com diretores de bancos, o nervosismo dos investidores

Luiz Prado



Alkimar, ex-diretor do BC: recessão para evitar crescimento do custo de vida



ainda está elevado. Isso pode ser verificado nos índices futuros de juros e nos negócios envolvendo o dólar comercial. "O mercado continua forte, pois sabe que, nos bastidores, o presidente do Banco Central, Francisco Lopes, defende

juros em 60% ao ano", comentou um dirigente de uma instituição européia.

Se os juros sobem, quem aposta no câmbio acredita que há chances para a cotação do dólar aumentar ainda mais diante do real. A taxa

abriu a R\$ 1,83, chegou a bater em R\$ 1,94 e fechou a R\$ 1,91. Na terça-feira, as variações foram ainda maiores, com o pico alcançando R\$ 1,97.

O Banco Central corrigiu ontem o número de saídas de capitais registrado na terça-feira. No valor apurado de US\$ 538 milhões, houve um erro de lançamento de US\$ 199 milhões como saídas. Esse valor se referia a um contrato do Banco Bozano Simonsen que foi cancelado. Mas acabou sendo computado nas contas de saídas de capital do país. Portanto, o saldo efetivo da terça-feira foi de US\$ 339 milhões.

De acordo com Francisco Groß, ex-presidente do Banco Central, a fuga de recursos pelo fluxo de capitais não significa evasão de divisas. "Esses dólares estão em poder do mercado (bancos e empresas). O BC já deu baixa neles", disse. "A partir da adoção do regime flutuante, o governo não fez mais intervenções, ou seja, vendeu câmbio. Se a cotação não subiu muito, há sinais de que há gente se desfazendo de suas posições. Isso pode indicar que o equilíbrio deve ser alcançado em poucas semanas."

CALMA

Na bolsa de valores, o dia foi tranquilo. Em São Paulo, o pregão fechou com alta de 0,54%. Quem está confiante no mercado de ações está aproveitando as desvalorizações do câmbio, o que torna os papéis mais baratos em dólar. "Títulos de empresas são ativos atraentes, especialmente das companhias exportadoras, que deverão registrar melhores resultados com as recentes variações cambiais", comentou Luis Fernando Figueiredo, diretor do banco BBA Creditanstalt.

Os papéis da dívida externa, os *bradies*, acompanharam a performance equilibrada das bolsas brasileiras. As 19h, o C-bond, título mais negociado por países em desenvolvimento, estava com elevação de 0,9%, com 51,5% do seu valor de face. "O mercado de renda variável (ações, *bradies*) está calmo. Mas a situação econômica do país é tão instável que qualquer notícia negativa pode provocar rapidamente baixas muito expressivas em algumas horas", comentou um executivo de um banco inglês.